

Olá, D.K.! Estou a escrever-te com outro tipo de letra. Não costumo escrever com este tipo de letra. Já estendi a roupa que me pediste. Custou-me estar a pendurar na corda os teus boxers, as tuas camisas e as tuas peúgas... Mas parece que os estendi como um pai estende a um filho, como um neto estende a um avô. Não sei... Foi fraternal... Foi estranho... Não sei se algum dia já tinhas reparado, mas a única coisa que era fora do nosso “nosso”, era a minha roupa e a tua roupa... Era a nossa única “separação”... Vou ter saudades de ter perguntar se posso usar a tua camisa emprestada ou o teu casaco emprestado... Era a roupa que nós emprestavamos um ao outro... Não emprestavamos mais nada, porque tudo era nosso. A roupa sempre esteve fora da nossa “comunhão de bens”...

Comprámos poucas coisas em conjunto para a nossa casinha; comprámos mobílias sem muito valor... As nossas primeiras mobílias... E agora que temos de separar as coisas, pensamos os dois “ainda bem que comprámos poucas coisas” e rimo-nos com isso. Rimo-nos de tudo isto para não chorarmos. Somos adultos... Comprámos uma TV... É tua... Mas só porque compraste a prestações e porque ela ficou em teu nome... Tiveste sorte, D.K.!... Comprámos um microondas... Já nem me lembro se foi com o teu cartão ou com o meu... Era preciso ir ver o extrato e como é lógico que não quero saber do microondas nem ir ver as contas para trás... Não interessa! Vou para casa dos meus pais... Temos lá microondas... Não vou levar o microondas atrás, não é? Só por isso é que podes ficar com o microondas! O que é que comprámos mais?

Comprámos um avental! Eu vou levar o avental comigo, para cozinhar para os meus pais. Comprámos uma carpete e um tapete... “Custaram-nos os olhos da cara”... Mas enfim... Por mim podem ficar para o senhorio... Mais...? Comprámos 2 jogos de lençóis... Não tenho espaço para os jogos de lençóis, por isso podes ficar tu com eles... O globo é meu!!! Foste tu que me deste! É um presente meu! A tartaruginha também é minha... Foi a “maninha” que me deu a mim! Fica comigo, vem comigo! O Homem Bronze é teu... Foi a “maninha” que te deu a ti... Se bem que eu queria ficar com

o Homem Bronze... E agora quem vai ficar com a pedra de mármore que a maninha e o maninho nos ofereceram aos dois? Tem a citação “Para viajar basta existir...” de Fernando Pessoa... Como me oferecete o globo, faz sentido ficar eu com a pedra de mármore. Não concordas?

Foi estranho não foi?... Ontem no nosso último jantar de despedida de namorados termos logo feito as separações de quem ficava com o Lukas e com a Yucca... «Quem fica com a Yucca?»; «Ficas tu, D.K... [É uma planta das trevas, é uma planta que não gosta de sol, eu gosto de sol... Não lidamos bem... Fica tu com a Yucca mariquinhas...]; Eu fico com o macaquinho!»; «Como é que ele se chama?»; «Lukas.»; «Tá bem. Podes ficar com o Lukas, que eu fico com a Yucca...». Comecei a chorar “de felicidade” por ainda te ter na mesa comigo a jantar. «É estranho, não é Raul?»; «É...». É tudo tão estranho, D.K. Ainda nos rimos ontem ao jantar a olharmos para o teto e a dizermos que ainda bem que não comprámos o tal candeeiro de lustre que íamos ter de furar a parede para tirar a horrível lâmpada da cozinha... Parece uma lâmpada do hospital, não parece? Lembro-me como andámos na loja de bricolage para trás e para a frente para escolhermos os candeeiros que queríamos mandar instalar no teto da nossa cozinha... Agora já não é a nossa cozinha. Agora é só a cozinha do senhorio...

Se tivéssemos comprado o candeeiro de lustre, ficava para o senhorio... Sempre ficava com uma cozinha e com uma luz mais bonita. Eu vou ficar com o candeeiro dourado. Vou levá-lo para dar uma luz mais bonita ao meu quarto. Sabes como é apagado o meu quarto na casa dos meus pais. Precisa de luz, aquele quarto! Preciso de comprar um jogo de candeeiros para aquele quarto, para não ficar lá tão às escuras, para não ficar lá tão apagado... Ainda fomos devolver o outro candeeiro, por causa do dinheiro... Lembro-me como as senhoras da loja foram logo a correr buscar as nossas lâmpadas com a loja já a fechar para podermos pôr os candeeiros a funcionarem com uma luz mais bonita para recebermos os nossos convidados... Não os queríamos receber com uma luz feia...

Também vou levar comigo a extensão! Tenho poucas tomadas no meu quarto! Estou a olhar para o Jogo do Monopólio... E agora? Quem fica com o jogo? Podes ficar com ele... Basta-me a memória de quando o abrimos e estivemos a jogar com eles e fizemos uma batota de casal e começaste a passar tudo para mim, todo o dinheiro, quando sabias que ias morrer no jogo... Fizeste-o contra todas as leis do jogo... Eles começaram logo a dizer que isso era batota... Mas nós conseguimos pôr a nossa batota nas novas leis do jogo, tu saíste do jogo e depois vieste para o meu colo e ganhámos. Eles não gostaram... Teve piada... Termos invertido as leis do jogo a nosso favor. Mas foi só um jogo. Não levamos os jogos a sério. Nunca levámos os jogos a sério. Sabemos que um jogo é só um jogo. Sabemos que num jogo temos de jogar, mas sem levar as coisas muito a sério. Porque é só um jogo. O amor é sério.

Ainda falta o presente do Sid. E esta? Quem vai ficar com o presente do Sid? É uma garrafa de vinho bem pesadona... Não sei como a vou levar... Queria levá-la, pelo significado. Foi mesmo bom termos o Sid connosco a almoçar. Foi lindo esse dia! Acho que isto é que é importante! É sabermos que tivemos imenso apoio, imensas pessoas connosco, imensos amigos de volta do nosso amor. Até parece que vão ser eles que mais vão “sofrer”... Ou talvez não... Somos todos adultos. São eles próprios que nos dizem que a “vida é um desafio”. Talvez, tenham razão. Talvez tenha de lhes dar “a mão à palmatória”. Sabes... Eu não sei se é pelos exemplos e pelas humildades que nós vemos nos outros que nos dão força e acabam também por nos “ensinar a viver”...

É tudo tão estranho. E mais estranho é por sermos adultos e sabermos lidar com todas as situações como adultos. Soubemos lidar com tudo como adultos. Chegaste a casa e disseste que as coisas não estavam a resultar e eu disse “tudo bem”. Não estava à espera, mas ao final de 4 anos temos de saber lidar com as coisas.

Fizeste de mim um adulto! Quando eu fui “parar às tuas mãos” eu era “uma criança”. Deste-me vida, D.K. Animaste a minha vida! Fizeste-me sentir amor de verdade, amor que eu nunca

tinha sentido. E por isso eu agradeço-te! Agradeço-te por me teres dado vida! Porque deste-me vida! Ativaste mil e um sentidos em mim! Fizeste-me melhor pessoa. Sei que sempre fui boa pessoa, mas tornaste-me ainda melhor pessoa. E por isso eu nunca te vou esquecer! Seria impossível eu esquecer-te como esqueci todos os outros! Eu saí sempre mal das mãos dos outros. Mas das tuas não. Saio mais forte ainda! Saio mais sábio! Saio mais equilibrado! É como se tu me tivesses conseguido equilibrar-me os “sacras”. Lembraste quando me falaste nos “sacras”?

Fiquei parvo quando me falaste dos “sacras”. Foi quando voltámos da nossa praiazinha e deixaste-me depois em casa da priminha. Só falámos uma vez nisso. Não falámos depois mais. Achei piada ter-te ouvido dizer isso. Sei que o disseste a brincar. Mas na altura, pareceu tudo tão sério. E sei que nunca falei sobre isto, mas é a melhor forma que eu arranjo para passar. Parece mesmo que me alinhaste os “sacras”. Não sei qual é o significado disto. Mas sei que assim consegues perceber o que eu estou a dizer. Não percebo nada de “sacras”. Não sei o que são “sacras”. Nem quero saber. Ou sentimos de verdade, ou então não vale a pena.

Chegaste ontem e disseste simplesmente “as coisas não estão a resultar”. E eu pensei “tudo bem”. Não te quero prender. Acho que viver um amor de prisão não faz absolutamente sentido nenhum, porque isso não é amor. Peguei na tua mão e pedi-te só para irmos dar uma volta e acabámos por acabar tudo encostados ao portão. Somos adultos. Acabámos as coisas como adultos. Disseste que começámos a chocar. Eu não me lembro quando começámos a chocar cá em casa. Porque talvez não atribuí significado. Mas se tu atribuíste, é o teu significado que conta. É porque para ti, as coisas tiveram outro significado. E não tem mal as coisas terem tido outro significado. O importante é nós sentirmo-nos felizes. Só faria sentido continuarmos juntos se os dois estivéssemos felizes um com o outro. Não faz sentido, um estar feliz e o outro não estar. E temos de aceitar. É claro que custa.

Agora que te escrevo, tenho as lágrimas todas aos meus olhos. Sei que ainda não fiz o luto. Farei.

24 de janeiro de 2022

27 de janeiro de 2022

Sei que quando fizer o luto do nosso amor, vou lembrar-me das nossas ridículas discussões que não deveríamos ter tido, mas que as tivemos e que talvez tenham resultado neste “não estar mais a resultar”. Mas quando as tivemos soubemos ser adultos e escondê-las. Porque é isso que é uma verdadeira relação a dois. As discussões, se houver, pertencem ao casal e a mais ninguém. E sei que sempre soubemos proteger a nossa intimidade e a nossa privacidade. Quando discutimos, tivemos de discutir, mas resolvemos sempre, ficou sempre tudo resolvido. Não nos fomos embora. Desligámos às vezes o telefone zangados, é verdade. Ficámos, às vezes, zangados um com o outro e zangados por termos discutido, que era o que nós não queríamos nunca. Mas sempre soubemos ser adultos. Sempre nos consolámos depois das nossas discussões com um amo-te! E esse amo-te “apagava tudo”, porque víamos que tínhamos chegado sempre a uma conclusão. Que amávamos um ao outro. Que éramos pacientes um com o outro. Que estávamos os dois a aprender um com o outro. É verdade que nós não discutíamos, mas começámos a discutir. Nunca o dissemos aos nossos amigos, nem tínhamos de dizer e soubemos sempre proteger-nos perante terceiros. Talvez os nossos pais em casa possam ter escutado algumas vezes. Os pais sabem sempre tudo, sobretudo quando vivemos com eles. Já sabem que acabámos...

Talvez tenhamos começado a discutir mais por causa da Jupiter Editions e por causa da nossa mãe-empresa Jupiter... Não sei... Não me lembro. Mas o que me lembro é que as discussões ficaram todas resolvidas. Aliás, continuámos sempre juntos porque conseguimos sempre resolver e enfrentar os nossos problemas. Não nos facilitaram a vida. Passámos por coisas difíceis... Puseram-nos

em filmes como foi o filme lá em casa da tia Giralda... Mas soubemos ser sempre inteligentes e pôr os filmes dos outros dentro dos nossos filmes. Foi a nossa arma. Digo, por isso, que a Jupiter Editions foi muitas vezes a nossa arma. Não me posso esquecer do melhor presente que tu me deste que foi o estojo Facile Scriptum com a bonita esferográfica e com o sagrado papelinho que me escreveste com a tua letrinha de médico que eu adoro e que foi uma força invisível para a fundação da nossa Jupiter aqui na Terra.

Escreveste no bilheteinho sagrado que trago sempre comigo e que me dá sempre uma força descomunal: «(...) *Estou contigo em tudo. Estou contigo “contra o mundo” e estou contigo por Júpiter! Pelo nosso amado Júpiter... (...) Um presente para o meu Raulzinho, porque não há melhor aliança que o teu talento, a tua imaginação e a tua bravura, não há melhor estratégia que a tua mente, não há melhor braço direito que o amor, nem melhor arma que uma caneta na tua mão*». Podes não acreditar, mas estas tuas palavras são um bálsamo para mim. São uma oração. O meu Deus sempre foste tu. O meu anjo de luz sempre foste tu. O meu príncipe sempre foste tu. Chamaste-me “Príncipe Persa” no final do bilheteinho. Chamaste-me muitos nomes bonitos.

Sei que veio tudo em sequência. Ofereceste-me o presente, porque eu mostrei-te o meu espírito. Escondi o meu espírito e a minha escrita de todos. Mas a ti mostrei-te. Foste o primeiro. Lembro-me como se fosse ontem eu a ir buscar os meus cadernos escondidos e a mostrar-te e nós em cima da mesa a vermos as minhas coisas escritas. Não sei... Escrever para mim é algo mágico. Como tu sabes, a escrita simplesmente aparece-me. Desde pequeno que escrevo e desde pequeno que eu via a Jupiter Editions a aparecer no céu como se fosse projetada por um holograma. Só que eu não sabia como expressar-me. Expressei-me a ti e tu “tiraste” a imagem da minha cabeça que era uma fantasia e imprimiste-a na vida real. Eu disse-te como via as cores, como via o elefante e tu simplesmente fizeste aparecê-los. Foi como as capas dos livros. Eu simplesmente disse-te como via os livros e tu

desenhaste-as com o teu lápis de carvão. És um ser mágico! Somos mágicos! Fizemos magia, D.K. Mexemos nas coisas. Eu acho que isso é importante. O nosso amor fez magia de verdade! Aconteceu!

Fizeste “magia” comigo. Tiraste-me os cigarros de um dia para o outro, tiraste-me o álcool também de um dia para o outro. Os cigarros nunca disseste nada sobre eles, fui eu que os parti de um dia para o outro com a força do nosso amor! Simplesmente parti, achei que não fazia sentido mais fumar. Com o álcool foi diferente. Tiveste de acabar comigo. Só contaste à maninha.

Foi há um ano, em janeiro. Eu estava a fazer o Business Plan para entregar ao banco e tu telefonaste a dizer que vinhas ter comigo no dia a seguir porque precisávamos de falar. Foi horrível. Perguntei-te se ias acabar comigo. Não estava à espera. Chegaste frio, zangado e disseste que não podíamos continuar mais juntos. Foi horrível. Foi um desgosto de amor. Fiquei completamente sem norte. Disse-te que te ia levar à estação. Fui a chorar no caminho. Disse-te que se não ficasses comigo eu ia para o mundo das girafas ou dos pinguins. Já na estação disseste-me que contaste à maninha. Ainda me doeu mais, porque era como se já não houvesse volta a dar e perdi as esperanças todas que tinha. Subi completamente desamparado. Cheguei a casa e comecei à procura de voluntariados em África em reservas de pinguins e parques de girafas. Vi o que é que essa minha vontade de “sair” do mundo dos humanos para o mundo dos animais queria dizer. Estava em pleno desgosto de amor. Mal conseguia olhar para os meus livros. Mal conseguia olhar para as coisas que tinha escrito. Também procurei casas de repouso de saúde e bem estar na Internet, porque eu só precisava de durante umas semanas “não ter de pensar em nada” e não ver ninguém e mesmo no meu desgosto de amor vi uma política e vi uma necessidade de apoio para este tipo de situações. Mas depressa comecei a escrever uma nova escrita. Escrevi imenso. Escrevi no computador “Vamos Salvar O Algoritmo do Amor”. Escrevi cartas e fui no dia a seguir entregar-te. Levei a caixinha de fósforos que me deste para pôr lá as tuas cartas, porque fizeste da

caixinha de fósforos uma caixa de email. Tirei tudo para fora da caixa encarnada. Tirei o balão de ar quente que me deste, estava amarrotado... Desamarrotei o envelope do balão e pus em cima da mesinha de cabeceira. Pus também o meu mocho na mesinha de cabeceira. Agarrei n'O Algoritmo do Amor com as cartas dentro da caixinha de fósforo e comecei a descer a cidade para apanhar o comboio para ir ter contigo a Lisboa dar-te as cartas. Foi horrível ter descido a cidade. Parecia que tinha perdido todo o meu espírito. Não conseguia olhar para nada. Tipo, de repente já não ligava nem às árvores, nem às nuvens, nem ao caminho. Não parecia eu. Parecia que me tinha zangado com a natureza. Já não queria saber de nada. Estava mesmo em estado de choque. Fiquei em estado de choque. No comboio fui a escrever mais uma carta. Cheguei mais cedo a Oriente. Fui acabar de escrever a carta para ao pé do rio com medo da polícia que me interrompesse, porque eu não sabia se com a pandemia eu podia estar ali sentado no banquinho a escrever a carta ou tinha de estar a circular... Tu apareceste e eu dei-te as cartas. Perguntaste-me se eu tinha mais alguma coisa para dizer. Disse que te amava. Mas faltou-me dizer-te o mais importante, por isso, tu disseste que tínhamos acabado, que ias ler as cartas se tivesses tempo, mas para eu não ter esperanças nenhuma, porque nós tínhamos acabado “de vez”. Voltei para casa no comboio com O Algoritmo do Amor na mão. Tentei abrir. Nem conseguia. Quando cheguei, subi a cidade como um fantasma. Senti-me um morto-vivo. Cheguei a casa estafado. No dia a seguir enviei-te uma mensagem no WhatsApp a dizer que “estava sóbrio” e que queria partir as garrafas de vinho. A minha mãe disse que tinha lido partes do livro d'O Algoritmo do Amor sem saber quem era o autor. Disse que o meu avô Vítor Hugo tinha no Exército lutado pelos direitos dos homens que gostavam de outros homens. Lembrei-me que no dia do enterro do meu avô houve uma parada militar que dispararam à porta do cemitério em cerimónia de luto pela memória do meu avô. Lembrei-me que o meu avô morreu logo a seguir à minha avó pelo desgosto de amor que teve com a morte da minha avó. Eu tinha ido de manhã buscar à cozinha o livrinho pequenino

da minha mãe da “Eternidade” com citações de vários autores. Abri na página que tinha a citação “Amai as almas se as quereis encontrar depois da morte” de Vítor Hugo. Sem que o meu avô escrevia muito. Nunca vi a escrita dele. Acho que a escrita dele perdeu-se. Não sei quem ficou com ela. Mas talvez o meu avô tenha escrito o mesmo. Têm o mesmo nome. Talvez tenham o mesmo espírito. Pus o livrinho da Eternidade em cima d’O Algoritmo do Amor na cabeceira. Com a minha mãe no quarto a minha mãe achou piada eu ter posto o livrinho dela por cima d’O Algoritmo do Amor e lá começou a contar a história que eu contei. Decidi, por isso, também contar a verdade à minha mãe. Abri-me pela primeira vez com ela. E contei-lhe que fui eu que tinha escrito O Algoritmo do Amor e que tu me tinhas oferecido o estojo e li-lhe o bilhetinho sagrado que tu me deste. A minha mãe começou a contar-me sobre o meu nascimento, sobre o meu parto, a felicidade que teve, a felicidade também do meu pai. Contou-me aquilo que ainda não me tinha contado. A minha mãe é como eu, conta as histórias com muito grafismo e vi-me ali outra vez ao colo dela acabado de nascer e a sentir o amor da minha mãe, o amor que a minha mãe tinha por mim e comecei a chorar, porque eu nunca tinha ouvido a história do meu parto. Foi quando tu me telefonaste, D.K. O meu coração ia saltando... Falaste na voz do “Sistema dos Namorados”. Só me apetecia chorar, porque já sabia que era boa coisa que vinha. E na nossa brincadeira de namorados, outra vez, “o Sistema de Namorados” disse “ao Raul” que o meu namorado tinha lido a carta que eu tinha posto dentro da caixinha de fósforos a perguntar se tu querias namorar comigo e que tinhas aceite e que “iam passar a chamada ao senhor D.K”. Fiquei tão feliz! Chorei com tanta felicidade! A minha voz faltava no choro! Era como se eu tivesse tido um SBV à distância. Parecia que estava numa máquina e de repente o meu coração que estava parado a morrer voltou a bater. Tipo, eu juro! Eu acho que foi uma das sensações mais mágicas que eu tive na minha vida toda! Não consigo explicar! Mas foi mesmo um renascer. Voltou tudo. Comecei logo em chamada contigo a ver as nuvens. Comecei logo outra vez a ver as árvores.

Voltou tudo. Tipo a visão que eu tinha, voltou! Eu parece que tinha sido desinformatizado. Parecia que tinha o ecrã da vida real partido. E foi como se de repente “vuuuum” tudo voltasse. Disseste na chamada milagrosa que tinhas tido tempo para ler não sabes como as minhas cartas, porque estavas de banco nesse dia, mas disseste que conseguiste tirar um bocadinho para leres as cartas. Disseste-me que estiveste a pensar e seria uma estupidez se não continuássemos juntos e matássemos tudo o que tivemos que foi a coisa mais sagrada do mundo dos nossos mundos, mas avisaste-me logo na chamada que a tua decisão tinha sido devida pelo que eu tinha dito em relação ao álcool. E perguntaste-me se isso seria mesmo verdade ou não, porque era isso que estava em questão. Era isso que era o mais importante. E eu disse-te que sim. Ficou depois combinado que seria só um copo de vinho por dia e não podia passar do copo de vinho, mas que nos próximos tempos não havia álcool. Foi preciso isto, foi preciso esta “terapia de choque” para voltarmos. Continuámos muito felizes sem o álcool. Faz um ano que “deixei de beber como bebia”. Sei que não tinhas de fazer isto. Sem querer, foste um “psiquiatra”. Sei que podias ter ido logo embora como todos os outros se foram embora. Sei que é mau de se dizer isto, mas ainda bem o vinho expulsou os outros para eu acabar contigo nas tuas mãos. E eu volto a dizer: não tinhas de o fazer. Mas talvez tudo isto faça parte do amor, não é? Quando nós amamos alguém e vemos que há algo que tem de mudar e é só uma única coisa, nós aprendemos a mudar e quando o amor nos muda, eu acho que é porque é mesmo amor de verdade. Não somos perfeitos. Somos imperfeitos. Foste tu que me ensinaste isto. Que somos imperfeitos. Foste tu que me tiraste o álcool na minha vida. Eu bebia muito. Mesmo antes de tu apareceres eu bebia muito. Apanhava as chamadas “bebedeiras para caixão”. Fiz coisas que não me lembro. Coisas que eu disse que não me lembro. Isso é horrível. Ainda mais para uma pessoa como eu, com bons valores, educada, conhecida, querida por muitos. É horrível. Antes de teres aparecido, eu chegava a casa sempre bêbado. Era por isso que o meu pai deixou de gostar dos meus amigos, porque ele sabia que

andava sempre nas bebedeiras com amigos. Mas eu dizia-lhe que tinha amigos que não bebiam. Mas por uns pagaram todos e foi por isso que o meu pai decidiu fechar as portas lá de casa. Foi por isso que tu também viste as portas fechadas e entraste para me namorares às escondidas. E quando o meu pai viu que tu eras diferente e que eu estava com alguém que me tinha feito partir os cigarros e largado o vinho, o meu pai abriu-te as portas. Abriu as portas ao nosso amor. Apoiou! Apoio-nos em silêncio!

Não me vou esquecer nunca, D.K., que no dia em que o meu pai me cortou o passe para ir para a faculdade, tu foste a correr arranjar um trabalho uma empresa de análise de dados para termos dinheiro para o meu passe! Nunca me vou esquecer disso! Nunca! E nunca me vou esquecer de nada! Porque foram só coisas boas. Eu olho até para os nossos mochos, para as coisinhas que tu me deixaste e olho com felicidade, sorriso, sabes? Não há aquele sentimento de “não conseguir olhar”... Também não me vou esquecer que o meu pai perguntou que merda é que eu tinha arranjado lá com a tia Giralda e que eu disse que a tia disse que faltavam joias, depois que faltava um computador, depois já eram as alianças e sei que nesse mesmo dia o meu pai encostou-me à parede e disse que eu tinha de escolher entre ele ou tu. Mas as coisas mudaram. O meu pai só não queria que eu fosse “ingénuo” nas mãos de um rapaz que ele não conhecia de lado nenhum e que de repente vê o seu filho cego e perdido de amores... Isto é uma história de pais, D.K....

É verdade que o meu pai só apoiou agora no final. Mas sabes, às vezes o final é que é importante! O que interessa é no meio de tudo, no meio da história toda, quem é que está lá, quem é que afinal aparece. O meu pai incluiu-nos na “agenda” dele. E sabes como é difícil entrar na “agenda” dele... Tu sabes... E isto faz pensar muito. Isto é aquilo que fica no final, sabes? Porque no final, eu vou voltar para casa dos meus pais que me viram a sair contigo como se tivéssemos acabado de casar e que mais tarde viriam visitar-nos. Só esse apoio, só essa disposição, esse acreditar dos

nossos pais, tanto dos meus como dos teus, muda tudo! Porque é este o suporte mais importante que nós depois vamos precisar, caso as coisas não resultem como nós tenhamos planeado. Viram-nos a sair com as malas, ajudaram-nos com as malas. Desejaram-nos felicidade. Todos desejaram-nos. Tivemos um apoio enorme. Tivemos muitas figas a torcerem por nós de verdade. Sentimos essas figas. Vim por isso na viagem a chorar. Vim a pensar na mão do meu pai. Lembrei-me de quando era pequeno quando ele me dava a mão. Eu andava sempre de mãos dadas com ele quando era pequeno. Enfim... Memórias que vieram contigo quando vínhamos para cá. Memórias de miúdo que me aparecem sempre contigo. Memórias que o meu cérebro vai buscar quando está feliz contigo. É estranho, D.K., mas parece que há mesmo uma tecnologia alienígena em mim, sabes? Que me vai mostrando as coisas, que me vai mostrando o valor das pequeninas coisas. Quando nós somos mesmo felizes de verdade, nós deixamos de pensar em luxos ou em querer coisas grandes. Começamos a ligar às coisas pequenas. Só queremos é viver juntos seja onde seja ou como seja.

Sabes como é pequenina a casa onde vivo com os meus pais. É normal quando somos mais novos e nascemos sem nada, sem mobílias, sem nada, quando nada é nosso a não ser a nossa propriedade intelectual sonharmos com grandes casas, também queremos ganhar dinheiro para podermos comprar coisas que nunca tivemos... É normal... E é por isso que eu levo tão a sério os meus direitos de autor, porque é a única coisa valiosa que eu tenho, é como se fossem as minhas “mobílias”, as minhas “casas”, são as minhas propriedades... Mas mesmo nascendo sem nada, nunca fui materialista, nunca me agarrei às coisas. Sempre vi tudo com os sentimentos. E tu sabes. Mas por eu ter sempre andado de casa arrendada em casa arrendada e por ter sempre tido um espaço muito limitado que sempre gostei de casas grandes e sempre quis ter uma casa grande contigo. Vimos muitas casas juntos... Só que eu comecei a deixar de ligar a isso. Comecei a dizer-te que se fosse preciso começarmos a nossa vida num quatinho, tudo bem por

mim. Desde que eu estivesse contigo isso seria sempre o mais importante. Eu só queria estar contigo. Só queria estar contigo!

Chegámos a esta casa e é como se eu não quisesse mais casas nenhuma. É claro que gostava que tivéssemos a nossa primeira casa. Estavas sempre aqui em casa a dizer que se a casa fosse nossa íamos fazer obras aqui, obras ali... E é engraçado como as coisas mudam. A casinha que o primo nos arranjou é pequenina. O quarto é pequeno. Não há hall de entrada. A sala é a cozinha... Mas há um jardim cheio de árvores. Há uma Dombeya com flores cor-de-rosa que junta cachos de abelhas. Há uma anoneira. Há 3 oliveiras seguidas e um ninho de passarinhos numa dela. Há aloé vera. Há alecrim também cheio de abelhas. Há limoeiros e alfarrobas. Há laranjais e romãzeiras à porta de casa. Há uma fila de romãzeiras que se estende em frente ao laranjal. Enfim, há toda uma vida aqui. E mesmo com a casa pequenina, só por este sitiozinho sagrado eu era capaz de nos ver aqui velhinhos. Se nos dissessem que não podíamos ter mais casa nenhuma e iríamos ter de ficar aqui para sempre eu estava mais do que feliz, percebes? Contigo, seria feliz.

Descobri contigo os sítios mais mágicos onde me senti mais feliz. Foi contigo que fui aos Açores. Fomos 3 vezes a São Miguel. Tenho tudo presente. Até nós no aeroporto. Nós nas salas de embarque. Adoramos os dois aviões. Voar contigo de mãos dadas foi o maior privilégio da minha vida! As tuas mãos... As tuas mãos! Quando me dás as mãos é como se me tivesses a segurar o coração. Fico logo seguro. É como se nada de mal pudesse acontecer. Voar as vezes todas que voámos de mãos dadas foi um privilégio. Mas não foi só o voo. Foi tudo. A reserva. Os bilhetes no email, enfim, tudo. Sei que tens a mesma visão alienígena que eu. Sei que vês as coisas como eu vejo. Sei que tens o mesmo espírito alienígena. Sei que tens por isso pensamento alienígena. Sei que os nossos cérebros são alienígenas e por isso estão ligados. Sei e experienciei de verdade pura telecinesia de coisas contigo que eu sei que me diz que os nossos cérebros estão ligados um ao outro. É estranho o que eu vou dizer, mas eu até acho que temos

provavelmente a mesma escrita. Escrevemos coisas parecidas. Somos almas gémeas. Mas pensamos coisas diferentes. Vemos coisas diferentes. Sabemos coisas diferentes. Mas completámo-nos. Sempre nos completámos um ao outro. Houve viagens que fizemos que nos completaram. Deste-me um globo. Passaste-me um globo para as mãos. Era contigo que eu gostava de viajar.

Não me quero alongar muito mais, até porque quero despachar-me a enviar-te esta carta. Não quero que esta carta mude as tuas ideias, nem que mude as coisas. Não é essa a intenção da carta. Simplesmente quero deixar-te esta carta. Mas vou ter de te deixar esta carta em nome da Jupiter Editions. Vou ter de carimbá-la com o carimbo da Jupiter Editions. Porque te estou a escrever “na” Jupiter Editions. Lembraste quando eu te pedia “Senhor Gerente... Pode pôr carimbo no documento, se faz favor?»... Foi tudo com amor, percebes? Todos os pedidos! Atendeste a todos os meus pedidos com amor! Deixaste-me a Jupiter Editions no nosso último jantar em que estivemos a separar as coisas. Deixaste-me a Jupiter Editions nas mãos. Deixaste-me um “monstrinho” nas mãos e muito sinceramente eu não sei o que fazer com este “monstrinho” que tu me deste. Deste-me um presente. Foi como se me tivesses dado um filho. Há pais que começam a discutir quando os filhos aparecem. Foi como a Jupiter Editions. E agora vai haver “o divórcio”, vamos fechar a “Jupiter”, vamos ter de ir assinar os papéis à conservatória do registo comercial... É como se nos fôssemos divorciar... Era para nos irmos só os dois divorciar da empresa e não de nós... Mas como acabámos, é como se fôssemos divorciar e agora alguém tem de ficar com a filha, com a nossa Jupiter Editions. Sei que me deste a Jupiter Editions, mas eu quero que tu saibas que ela é nossa! É dos dois! Talvez, D.K., pode ser a Jupiter Editions que nos volte a ligar um dia. Que nos ligue. Eu não quero que tu saias, zangado, por favor, com a Jupiter Editions. E digo isto também para mim. Para conseguir voltar a entrar na Jupiter Editions com um grande sorriso e lembrar-me de quando era só um estrelado com o elefante a segurar Jupiter com as cores

da Jupiter Editions. E eu não me posso esquecer que foi nos meus anos que disseste para eu ir ao site, como surpresa, para eu ir ver a primeira página... Era só a marca e o nosso logo e dizia “Brevemente”... Depois disseste que íamos era precisar de euros para abrirmos a lojinha online. Enfim, D.K., era isto que eu não queria que tu te esqueces... Que foste tu que me deste este mundo, que tornaste as minhas fantasias reais. Foi tudo com amor! A Jupiter Editions nasceu com o nosso amor. Fizemos sacrifícios para tentar segurar a empresa, foi um peso pesado no nosso namoro porque custou-nos dinheiro e não tivemos lucros, não tivemos apoios nem de comunicação social, nem do Estado, nem do banco... Parecia que estávamos a lutar contra o impossível... Tudo isso mexeu comigo e eu peço-te desculpa por isso ter mexido comigo como mexeu na altura. Eu stressava muito fácil e tu és uma paz de alma que não gosta de stresses. E eu stressei-te, pedi-te coisas por causa da Jupiter Editions que não te podia pedir. Eu sei D.K. e eu peço-te desculpa! Eu só queria que nós pudéssemos viver da editora. Fiz as minhas tentativas. Foi tudo por nós e para os nossos amigos e família. Só que foi tudo ao mesmo tempo. E éramos só dois. Tivemos de ser secretários um do outro. Enfim. Sabemos o que aconteceu. E eu nunca me vou esquecer de na tua semana de exames teres ficado a traduzir o site. Mas eu só quero que tu saibas que havia uma esperança na altura, havia expetativas de que se fizéssemos as coisas, íamos logo ter frutos. Mas não tivemos. Vimos que as coisas demoraram o seu tempo. Vimos que as coisas boas, demoram o seu tempo. E eu aprendi muito com a Jupiter Editions a cultivar o tempo. A ter ainda mais paciência e ainda mais resiliência. Sabes que sou muito resiliente, mas só quando somos postos de verdade à prova é que nós testamos a nossa resiliência. Também o nosso namoro foi posto à prova. Também testámos a resiliência do nosso amor e do nosso namoro.

Mas eu achei que tivéssemos passado os testes todos. Achei que tivéssemos passado o derradeiro teste do amor. Sabes que não gosto de testes. Mas parece que há um sistema “alienígena” a testar

o nosso amor. Um dos testes foi eu ter de ter separado O Algoritmo do Amor de nós. É claro que O Algoritmo do Amor não é o nosso namoro. Mas eu escrevi-o a pensar em nós, no nosso namoro. Mas houve uma “pressão” e eu tive de “dar cabo” d’O Algoritmo do Amor sem dar cabo de nós. E foi fácil. As personagens ganharam novas vidas e novas personalidades e eu separei-me definitivamente d’O Algoritmo do Amor. Mas aquele Jaime que está ali com o Fred, sou eu contigo. Eu estou tipo igual. Tu estás com um outro penteado. Mas és tu. Desenhaste a carvão com o desenho que eu te pedi para fazeres como se tivéssemos na Gulbenkian e que de repente o elefante e a girafa do Jardim Zoológico tivessem saído e passado por ali em direção ao Parlamento. Eu olho para nós e vejo-nos parlamentares. Por isso é que eu olho para a Jupiter Editions e vejo um mini parlamento. E era isto que eu gostava que tu visses e que visses o porquê de tudo de a Jupiter Editions estar a ser abafada. Porque é perigosa. Os maus entram na Jupiter Editions e vêm que somos um perigo e por isso tentam “aniquilar-nos”. E há muitas formas de o fazer. Às vezes é economicamente ou através da Sociedade de Informação.

Não queria falar sobre isto, mas estou em tempo real. Já falei, já falei. Já escrevi, já escrevi.

Deixaste-me com o melhor presente que alguma me podias ter deixado. Deixaste-me também com uma canção. Entregaste-me a canção. Entregaste-me os desenhos. Entregaste-me tudo. Sei que me entregaste todo o teu coração tal como eu entreguei-te o meu.

Mesmo nesta casa vazia, que agora ficou vazia tenho todas as memórias vivas contigo e não as vou apagar nunca de sítio nenhum, mesmo que não sejamos mais namorados. Vou continuar a escrever-te cartas das memórias todas... Vou criar um Marco de Correio na Jupiter Editions em tributo a nós, em tributo ao nosso amor, porque acho que merecemos mesmo um tributo, acho que o nosso amor, merece mesmo um tributo. E talvez um dia, faça um livrinho de todas as boas memórias. De tudo o que vivi e aprendi contigo. É uma forma de te dizer para não te esqueceres nunca da

Jupiter Editions, porque eu não a vou deixar morrer e para ir visitando a caixinha do correio, porque posso pôr-te lá uma carta.

Foi com a força do amor, com a força do teu amor que eu tive coragem para tirar todas as máscaras e dizer quem sou. Foi com a força do teu amor que eu tive coragem de publicar o que publiquei. Sem ti, nunca teria publicado. Sem ti, não teria escrito as coisas que escrevi. Talvez tivesse escrito outras. Ou talvez não tivesse escrito nada. Não sei. Foi com a força do teu amor que eu tive coragem de te dar as mãos à frente de todas as câmaras. Foi contigo que eu me quis reputar a tudo e a todos. Ficou reputado. Socialmente, o nosso amor ficou reputado. Todos souberam. Foste tu a quem eu apresentei à minha família. Também ganhei a tua família. Vi como os teus pais me receberam com confiança e carinho. Mas o mais importante é nunca olharmos para isso numa decisão importante que tenhamos de tomar em relação a nós. Não é por nos termos reputado a tudo e todos que agora não podemos acabar. Claro, que podemos! A relação é nossa. Isso não pode custar para ninguém. O que custa é termos perdido quem amamos. Isso é que custa. Isso é que pode custar. Mais nada pode custar.

Só te queria dizer que te amo e que serás sempre o homem da minha vida. Eu só quero que tu sejas feliz. Muito feliz, porque mereces! Foste o melhor namorado! Não gostava de te perder e quero que fiques para sempre na minha vida, nem que roubes o lugar ao nosso melhor amigo, se ele deixar... Eu só quero mesmo que tu estejas feliz! Eu sei que o meu lugar é contigo, mas se tu não queres mais namorar comigo ou se não quiseres voltar a namorar, não faz mal, eu vou namorar com o Direito. Como sabes eu vou voltar para a casa dos meus pais para preparar o semestre e matricular-me em setembro na faculdade. Quero acabar Direito como deve de ser! Não quero acabar torto. Comecei torto. Mas endireitei-me. Saíste de casa, foste para a residência dos médicos. Mas sabes que eu posso voltar se tu quiseres. Podemos voltar a namorar e só nos vemos aos fins de semana ou de quinzena em quinzena. Não estás longe de Lisboa! Fomos os dois que

escolhemos Faro. Sei que não estás sozinho em Faro. Mas eu não te quero deixar sozinho em Faro se tu quiseres voltar. E escrevo-te isso sem qualquer esperança. Foste tu que disseste que as coisas não estavam a resultar. Para ti não estavam a resultar. Para mim estavam. Mas não interessa se para mim estavam, se para ti não estavam. Disseste à maninha e aos teus pais que acabamos porque estávamos sempre a discutir. Mas isso não é verdade! Sabes que não é verdade, D.K. Nós nem discutimos desde que viemos morar juntos. Não houve nada de mal. Se tivemos uma ou outra “discussão” aqui em casa eu nem me lembro. Mas não tivemos. Discutimos o quê? Tu queres comprar mais mobílias e eu não? Porque tu querias comprar um aquecedor e eu não? Isso é discussão? Porque querias comprar uma TV com comando por voz e eu disse logo que não e tu aceitaste? Porque ainda não cozinhei? Ainda não cozinhei, mas sabes que te pedi só uma semaninha para acabar este filme-documentário em tempo real da Jupiter Editions, para poder cozinhar para ti durante toda uma vida. Fizeste xarém para nós. Fizeste outra vez xerém para nós. Foram os melhores jantares que tivemos. Estava na mesa a chorar de felicidade, como sempre... E depois no jantar a seguir apareces e dizes que tiveste a pensar e achas que as coisas não estão a resultar? “Tudo bem”... Esta é a parte em que estou zangado!!! Tenho de fazer o meu papel de zangado, não achas? Foram 4 anos, D.K.! 4 anos! E de repente, resolves ir embora como um fantasma? E eu? Eu digo, “tudo bem”, não é? O que é que eu vou dizer? O que é que é suposto eu pensar de tudo? Foi porque eu saí da cama de madrugada para vir escrever? Foi porque produzi “escrita proibida”? Não sei!!! Diz-me!!! Escreve-me!!! Senão podes dizer, escreve-me. Parece que há um sistema que nos diz que temos de nos separar. É estranho. E é estanho nós aceitarmos as leis do sistema. Parecemos abelhas ou formigas que tentaram sair do formigueiro para criar o seu próprio formigueiro, mas chegaram “os soldados” e dizem que temos de “voltar ao formigueiro”. Eu volto. Mas quero voltar contigo!

Eu peço-te desculpa de não ter enviado *curriculums* ativamente o dia todo este mês. Sinto que se tivesse conseguido arranjar emprego durante este mês as coisas teriam sido diferentes. Mas eu acho que isso também faz pensar, não é? O meu pai antes de sair de casa disse para eu ler o Capital para perceber como é que funciona O Algoritmo do Amor. Eu percebo o que o meu pai quis dizer. Por outras palavras, o meu pai disse que “eu tinha de arranjar emprego” se quisesse que o tal “Algoritmo do Amor” sobrevivesse. Vimos que até ao final do mês eu tinha de arranjar emprego para conseguirmos pagar as contas todos porque o teu ordenado de médico não dava. Mas eu enviei *curriculums* para todo o lado, para serviço de limpezas, de motorista, empregado de mesa, rececionista de hotel, concessionários automóveis, para os correios, enfim... Disse-te que precisava só de “matar” a minha última escrita. Disse-te que precisava só das primeiras semanas de janeiro, mas andei nas agências imobiliárias em entrevistas a perder tempo, andei lá no estágio dos aspiradores com o contrato de trabalho prometido, enfim... Abri o filme-documentário em tempo real e os aspiradores acabaram por entrar. Enfim, D.K. eram só duas semanas. Só precisava de 2 semanas para me despedir da minha escrita e para me focar no trabalho que aparecesse. Como viste e como te disse eu não me importava nada de fazer limpezas desde que eu chegasse a casa e te tivesse todos os dias. Era só isto que eu queria. É dia 27 e nenhuma resposta dos *curriculums* que enviei. Podia ter enviado? Podia! Mas foi por isso que acabámos? Porque eu pus a minha escrita em prioridade, quando não podia? Era a minha última escrita, D.K. Sei que para ti pode ser difícil de perceber, mas eu sabia que precisava disto. Só para me sentirem bem. Feliz. Bem comigo próprio. A minha escrita sempre fez parte do meu processo cerebral e mental das coisas. Acho que através da minha escrita é possível acompanhar todo o meu processo. Foi por duas semanas que as coisas não resultaram? Por 6 dias? Por 2 dias, D.K.? E os outros dias todos? Fizemos mudanças nas nossas vidas. E à primeira desistes? Nem sequer me disseste que sentias a minha falta ou assim, nem me pediste por exemplo mais beijinhos.

Simplesmente disseste que as coisas não estavam a resultar. Porque não arranjei um emprego no primeiro mês? Porque pus a minha escrita à frente do emprego? Eu estava “a matar” a minha escrita... Estava-me a despir dela, “para sempre”, D.K., para poder ficar contigo para sempre! Sempre para mim é sempre, D.K.!

Mas, enfim. Eu acho que nós somos adultos, acho que somos duas grandes cabeças e se tu viste que as coisas não estavam a resultar, eu peço-te desculpa. Para mim estavam. Talvez me pudesses ter chamado à atenção em algum aspeto. Não me chamaste à atenção de nada, por isso, foi uma surpresa. Só que como tu disseste que tinha sido “vacinado”, talvez eu tinha sido também “vacinado” com a terapia de choque “que me deste” há 1 ano e por isso esteja a encarar as coisas com a maior naturalidade. Porque o que é natural, é numa relação, quando um quer sair, sai e pronto. Mas são as chamadas “relações fantasma”. Parece que foste um fantasma. Mas digo isto, porque eu olho para trás e só vejo coisas boas nossas. E depois pergunto... Onde está o meu namorado? Tipo... O que é que aconteceu? E parece que andei a namorar com um fantasma que me tirou o medo de todos os fantasmas. Tiraste os cigarros, tiraste o álcool, ou seja, deste-me vida, deste-me anos de vida e tiraste também “Deus” da minha cabeça... Guardei “Deus” no meu coração. Tirei-o da cabeça... Mas agora foste embora. E eu fiquei sem o meu Deus... E agora? Ó Deus!!!! Estou-te a chamar D.K.!!! Ó Deus!!!! Estou-te a chamar, D.K.! Estou-te a chamar, meu Deus!

Só quero que saibas que eu gosto muito de ti! Muito, mesmo! E eu só quero que tu sejas muito feliz! Sei que serás muito feliz! Ou comigo ou sem mim! Não sei se vais aparecer no casamento dos nossos melhores amigos os dos maninhos com um namorado novo ou se eles nos vão tentar juntar. Não sei. Não tenho esperanças. Sei que acabámos. Vou seguir a minha vida. Sabes o que eu sinto. Sabes que basta só apareceres e prometeres-me que não vais voltar a ir embora para eu ficar contigo para sempre. Eu não deixei de acreditar no amor que dura para sempre nem com isto

vou ficar mais frio ou vazio. Não vou! Muito pelo contrário. Mas agora vou é namorar com o Direito. Mas sou capaz de estar a trabalhar para ir amealhando euros em casa dos meus pais enquanto estou a estudar ou preparar o semestre para termos euros para um dia para uma casa. Mas agora eu não vou largar o Direito. Porque isto fez-me pensar. Mas também sou capaz de voltar para Faro e estar a estudar ao mesmo tempo em que estou a trabalhar. Não me importo de voltar outra vez para casa dos meus pais com as malas e depois voltar outra vez para Faro se for para voltar. Agora não faz sentindo nenhum em ficar em Faro sem ti, como me perguntaste porque é que eu não ficava em Faro... Eu vim por causa de ti. Disseste há uns dias que uma parte do estágio podia ser no Brasil e perguntaste-me se eu queria ir para o Brasil. Eu vou, contigo eu vou. Mas depois não me podes pôr num avião de volta, não é? Ou se calhar podes... Ou se calhar eu fico a fazer o mestrado e não vou para o Brasil. Estou só a tentar dizer que acho que não é por eu ter de voltar para casa dos meus pais, porque não arranjei emprego, que tenhamos de acabar. Eu sei que acabámos. Mas só estou a dizer que por mim, podemos voltar a namorar mesmo tu estando em Faro eu vá agora para casa dos meus pais e vá enviando *curriculum*s e depois venha às entrevistas quando vier ter contigo. Podemos mudar as coisas. Já não vivo mais num “stress de escrita”. Já estou calmo, D.K. Já acalmei o cérebro-escritor que há em mim. Também sou cirurgião. Fiz uma cirurgia a mim próprio. Conseguí chegar com a cirurgia ao botão mágico do meu cérebro, percebes? As coisas já estão calmas. O ambiente todo em meu redor ficou mais calmo. Acho que devias voltar a pedir-me em namoro. Eu não vou pedir. Foste tu que acabaste. Mas se eu não voltar a ser teu namorado, se eu não for o teu marido velhinho, ao menos, sei que seremos sempre amigos, muito amigos um do outro, não é? Escrevo-te isso e vejo-te! Parece que te vejo por todo o lado...

É verdade que escrevi o teu nome em todo o lado... Em álbuns de música, então... O teu nome está escrito em todo o lado. Sei que muitas pessoas começaram a olhar para mim e a ver sempre

o teu fantasma projetado, como se eu tivesse duas cabeças, como se fôssemos duas cabeças num só corpo, como sê fossemos duas inteligências artificiais com o meu programa de extensão de vida amorosa. O amor estende a vida. E tu estendeste a minha com o amor que me deste. Mas eu digo-te que eu só quero é que tu sejas feliz. Se achas que ficas bem sem mim e que estás mais feliz, então eu fico feliz. Eu neste momento estou muito feliz, porque sei que tenho os meus pais à minha espera, sei que tenho amigos nossos à minha espera. Mas mesmo que não tivesse amigos nenhuns, sabia que tinha os meus pais, ou um sítio para onde ir. Isso às vezes, na vida pode ser importante, pode ser um fator “sorte”, para não perdermos o Norte e nos voltarmos a reinventar. Acho que somos seres mágicos, quando somos capazes de reinventar. E temos de o ser capazes.

Fecho o filme documentário da Jupiter Editions com esta Carta de Despedida. Foi contigo que eu abri. Abri o filme documentário a dizer que escrevi 9 livros e que o meu namorado desenhou as capas dos 9 livros e que com os 9 livros na mão decidimos fundar a Jupiter Editions. Mas as histórias às vezes não têm nem de acabar bem ou acabar mal. Às vezes têm de acabar como têm de acabar. E acabo a história sem o meu namorado. O meu namorado foi-se embora e deixou-me com a Jupiter Editions na mão. E eu só tenho é de te agradecer! Porque tu deixaste-me com uma magia nas mãos. Fizeste uma magia nas minhas mãos e foste embora. Deixaste-me com ela. Deste um lugarzinho aos meus livros para eles poderem brilhar. Disseste-me muitas vezes que eu era brilhante! Obrigado! Mas brilhante és tu! Tu é que és brilhante!

Quando somos luz, somos luz. Quando somos luz, brilhamos sempre. Brilhamos nas trevas, porque somos luz. Somos pirilampos em vias de extinção. Mas ainda não fomos extintos. Ainda emitimos luz no meio da escuridão. Eu amo-te pirilampo! Seu cabrão de merda! Deixaste-me sozinho nesta casa! Não acredito que te foste embora! Odeio-te!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Vou sair de casa no domingo às 9h09. Vou subir a serra até ao Marco onde estivemos. Às 12h06 venho-me embora para casa. Se vieres ter comigo eu não vou contar a ninguém que foste ter comigo. Mas se fores ter comigo, vou pedir-te para irmos à Quinta do Lago vermos os flamingos. Se eles nos cercarem numa dança, já sabemos que juntos vamos ficar. Se eles não nos cercarem, saberemos que, afinal, não somos flamingos. Somos humanos. Não somos perfeitos, somos humanos.

20:09

27 de janeiro de 2022

Raul Catulo Morais

Raul Catulo Morais © Todos os direitos reservados

In real time with Jupiter Editions